

# O mistério do câncer

Folha de S. Paulo  
18/5/2008 p. C74

**Q**UANDO LANÇOU O INSTITUTO do Câncer, a Universidade de São Paulo propôs-se a reunir alguns de seus melhores talentos, espalhados em diversos cursos, para descobrir novas terapias destinadas a enfrentar os tumores — há projetos de desenvolvimento até mesmo de medicamentos. Ninguém considerou despropositadas tais ambições porque sempre se associou a imagem daquela universidade, especialmente na medicina, à inteligência e ao rigor acadêmico. Por esse motivo, me pareceu um mistério tão complexo como o do surgimento dos tumores um fato, divulgado na semana passada, dez dias depois da inauguração do instituto.

No indicador de qualidade de ensino estadual (Idesp - Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo), divulgado na última quinta-feira, a Escola de Aplicação, vinculada à Faculdade de Educação da USP, ficou longe dos primeiros lugares — seu terceiro ano do ensino médio está em 42º lugar, a oitava série ficou em 53º. Uma das explicações da direção: falta de professor de matemática. “Desde o começo do ano estamos com seis professores a menos e ainda não foram contratados”, afirma o diretor Vanderlei Pinheiro Bispo. “Estamos frassando”, reconhece.

O mistério a desvendar é o seguinte: como uma escola localizada dentro de um dos principais centros de saber do mundo, transbordando de pesquisadores, não é vista como um modelo de excelência? Note-se que a maior parte dos 733 alunos são filhos de professores e de funcionários da universidade — não se está falando aqui de uma paisagem humana típica da periferia.

O fato objetivo é que há escolas em lugares muito mais pobres, que contam com escassos recursos e cujo desempenho é bem superior ao da Escola de Aplicação. É esse o caso da Papa Paulo 6º, na periferia de Santo André (ABC).

Será que é mais fácil tentar revelar novos tratamentos contra o câncer

do que fazer um jovem dominar as habilidades da língua portuguesa?

★

Esse mistério faz parte do aprendizado brasileiro, cada vez mais intenso, sobre as deficiências de seu capital humano. Graças à evolução dos indicadores, somos hoje capazes de detectar detalhes até há pouco tempo invisíveis.

É como se tivéssemos um tomógrafo — aliás, uma das promessas do instituto é apresentar as imagens mais precisas e precoces para preve-

**Como uma escola dentro de um dos principais centros de saber do mundo não é vista como modelo de excelência?**

nir o crescimento dos tumores.

Além da divulgação da lista do Idesp, ocorreram, durante a última semana, os mais diversos sintomas desse movimento de transparência. Um exemplo veio de Pernambuco, onde 94% dos candidatos às vagas

de professor na rede estadual foram reprovados por falta de qualificação. Em tempo: o sindicato, que nunca protestou contra a reprovação dos alunos, entrou na Justiça para contestar a validade do exame.

★

Num debate realizado na **Folha**, na quinta-feira à noite, o ministro da Educação, Fernando Haddad, cobrou de empresários mais eficiência e transparência na administração do chamado sistema S (Senai e Senac, por exemplo). Na

sua opinião, eles podiam fazer mais, aumentando a oferta de cursos gratuitos.

Outro participante do debate, o economista Cláudio Haddad, foi mais longe: chamou o sistema S de “caixa-preta” e disse que, com o mesmo dinheiro investido ali, seria possível fazer muito mais.

O ministro ouviu de volta que o governo desperdiça os recursos destinados à formação profissional e foi obrigado a admitir que isso é verdade. Vemos a todo momento notícias sobre esse desperdício, algumas das quais extrapolando a questão educacional e descambiando para a policial. O consenso é a falta de mão-de-obra qualificada, um dos gargalos do crescimento econômico.

★

Nessa tomografia computadorizada, vamos aprendendo a ver novas imagens das células sociais e tentamos entender, por exemplo, como diretores, professores e pais de alunos de uma escola como a Papa Paulo 6º conseguem fazer tanto com tão pouco — ao contrário do exemplo da USP, onde se faz tão pouco com tanto, considerando as potencialidades disponíveis.

A curiosidade que aqueles indivíduos da periferia de Santo André provocam é semelhante à que teríamos por pesquisadores capazes de desvendar o mistério do câncer.

★

PS- Coloquei em meu site ([www.dimenstein.com.br](http://www.dimenstein.com.br)) relatos de casos de educadores que estão ensinando como fazer muito com pouco, oferecendo-se como laboratórios. Não fazem nada de misterioso ou complexo — apenas mostram que ensinar a ler e a escrever é bem mais fácil do que curar um câncer. Postei também as explicações (muito transparentes, diga-se) da direção da Escola de Aplicação.

gdimen@uol.com.br



Adams Carvalho